



Quando pesquisa e extensão se encontram em uma Sala de Roteiristas

Joanise Levy (PQ)¹

Universidade Estadual de Goiás – Goiânia-Laranjeiras

Resumo: Este artigo objetiva relatar a experiência da Sala de Roteiristas do projeto de extensão “Trama-Narrativas Audiovisuais e Criação de Roteiros” em diálogo com a pesquisa “O ensino de roteiro: clichês, processo de criação e escrita fílmica”. Os dois projetos estão em desenvolvimento e são vinculados ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. Para refletir sobre a dinâmica da sala de roteiristas, este artigo dialoga com obras que compilam relatos de experiências de roteiristas, tais como Kallas (2016) e Campos (2021). Os temas criatividade e processo de criação colaborativo contam com o aporte teórico de Salles (2016), John-Steiner (2000) e Johnson (2011). Discussões sobre escrita de roteiros são fomentadas por Macdonald (2013), Maras (2009), Price (2013) e Levy (2019). Constatamos que a Sala de Roteiristas, além de sintonizar a universidade às tendências do mundo do trabalho no segmento audiovisual, tem se mostrado um valioso recurso pedagógico ao expor os alunos a um processo de experimentação que retroalimenta a inteligência coletiva do grupo, fortalecendo os laços entre os agentes envolvidos em prol do objetivo comum que, no caso particular do objeto estudado, é a escrita de um roteiro de longa-metragem.

Palavras-chave: roteiro. ensino de roteiro. trabalho colaborativo. processo de criação. escrita fílmica

Introdução

Este artigo visa relatar a experiência da Sala de Roteiristas do projeto de extensão “Trama-Narrativas Audiovisuais e Criação de Roteiros” em diálogo com a pesquisa “O ensino de roteiro: clichês, processo de criação e escrita fílmica”. Os dois projetos estão em desenvolvimento sob a minha coordenação e são vinculados ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás.

O projeto de pesquisa problematiza o ensino de roteiro no âmbito das graduações em Cinema e Audiovisual no Brasil e objetiva investigar os limites e as possibilidades pedagógicas que emergem do ensino deste componente curricular, que

¹ Professora e pesquisadora no curso de Cinema e Audiovisual da UEG – Goiânia- Laranjeiras.
jolevy.ueg@gmail.com





está na base da formação de profissionais que atuam nos variados segmentos da produção audiovisual. Por sua vez, o projeto de extensão Trama tem por objetivo promover atividades de experimentação e formação no desenvolvimento de roteiros audiovisuais e projetos correlatos. Atualmente, o Trama se desenvolve em duas frentes: na produção de conteúdos audiovisuais sobre roteiros para a veiculação no YouTube, site e em plataformas de podcast, bem como na Sala de Roteiristas. É sobre as atividades desse segmento que queremos discorrer no intuito de refletir sobre a dimensão pedagógica desse espaço no âmbito de um curso de graduação em Cinema.

Ainda que haja variações segundo as características de determinados projetos ou modelos de produção, uma sala de roteiristas é um lugar que reúne um grupo de roteiristas para elaborar colaborativamente uma obra audiovisual, sob a liderança de um *showrunner*, que é a figura responsável pela criação artística, pela supervisão de todas as fases da escrita dos roteiros e pela produção e negociação comercial do produto. Enquanto as *writers' rooms* constituem uma prática incorporada ao mercado norte-americano desde os anos de 1950 (KALLAS, 2016), no Brasil as primeiras experiências assim denominadas datam da primeira década dos anos 2000, especialmente no eixo Rio-São Paulo (CAMPOS, 2021). Portanto, não é incorreto dizer que os espaços para a criação colaborativa de roteiros audiovisuais no Brasil ainda estão se consolidando.

Com o objetivo de proporcionar uma experiência de criação colaborativa dentro de uma sala de roteiristas no âmbito da universidade, o projeto de extensão Trama reuniu alunos e alunas aspirantes a roteiristas para o desenvolvimento do roteiro de um longa-metragem que será produzido pelo curso de Cinema e Audiovisual, uma ação coletiva que visa congrega docentes, discentes e egressos do curso. A etapa posterior de viabilização do filme estará a cargo do Cria Lab/UEG – Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual, vinculado ao Grupo de Pesquisa do Centro de Investigação e Realização Audiovisual, sob a coordenação do professor Marcelo Costa.

O roteiro é o documento que orienta os demais estágios do processo de produção, desde a captação de recursos financeiros e humanos até as escolhas técnicas e estéticas do projeto a ser realizado. Isso se confirma quando remontamos





a história do roteiro e observamos que a configuração formal desse texto acompanha a evolução tecnológica e de linguagem do cinema, bem como a organização e sistematização do processo de produção (STAIGER, 1985; MARAS, 2009; PRICE, 2013).

Para além do texto, a criação de roteiros envolve muitas variáveis, sendo a competência dramática e a fluência no uso da linguagem audiovisual duas das mais importantes. O conhecimento de dramaturgia diz respeito a uma capacidade para contar histórias, compreendendo o desenvolvimento hábil da composição de personagens, do universo do enredo, do encadeamento lógico na estruturação do arco dramático, do manejo do tempo e do ritmo. Essa é uma habilidade da qual se valem também os escritores de obras literárias e peças teatrais. Contudo, a escrita de um roteiro vai exigir o domínio particular da linguagem audiovisual, uma vez que a história a ser contada precisa ser escrita sob a forma descritiva de imagens filmadas. Essas imagens possuem a especificidade de serem filmáveis pelo dispositivo câmera e organizadas narrativamente no processo de montagem. Isso impõe ao roteirista a tarefa de pensar imageticamente a obra audiovisual. Desse modo, lendo o roteiro quaisquer dos componentes da equipe (diretores, produtores, atores etc.) serão capazes de visualizar cada cena, antes mesmo dela ser filmada.

Como componente curricular na graduação, o roteiro impõe desafios à prática docente, uma vez que demanda competências teóricas, técnicas e criativas no processo de ensino-aprendizagem. Soma-se a isso o fato de que o ambiente acadêmico e sua organização curricular e sistemas de avaliação nem sempre se mostram estimulantes aos processos de criação e atividades colaborativas, entendendo que essas não se reduzem meramente a trabalhos em grupo.

Compreendemos o trabalho colaborativo como uma atividade que reúne agentes com habilidades e competências específicas atuando em conjunto para o desenvolvimento de um projeto em comum. Na colaboração, os esforços individuais são diversos e complementares. Pesquisas sobre criatividade e processos de criação (JOHN-STEINER, 2000; SALLES, 2016) apontam que muitas ideias significativas emergem do pensamento compartilhado entre parceiros dedicados ao trabalho colaborativo.





Na obra “De onde vem as boas ideias”, Steven Johnson (2011, p.36) faz um percurso histórico por significativas invenções e constata que em muitas descobertas, a despeito dos avanços tecnológicos, “a ferramenta mais produtiva para gerar boas ideias continua a ser um círculo de seres humanos sentados em volta de uma mesa, discutindo questões de trabalho”. Ao relatar a pesquisa realizada pelo psicólogo Kevin Dunbar, que buscou investigar o trabalho de pesquisadores em laboratórios de biologia molecular, Johnson reflete sobre a importância do fluxo social da conversa em grupo para que as ideias possam se multiplicar e transitar em rede. As redes possibilitam conexões surpreendentes e a exploração de novas possibilidades. “Quando trabalhamos sozinhos num gabinete, olhando num microscópio, nossas ideias podem ficar emperradas, presas aos nossos preconceitos iniciais.” (JOHNSON, 2011, p. 36). Podemos considerar o microscópio como uma metáfora, o que possibilita a ampliação desse exemplo a diversas formas de pesquisa em variadas áreas do conhecimento, cuja perspectiva ignora as contribuições do ambiente.

Material e Métodos

A Sala de Roteiristas do projeto de extensão Trama é composta por uma equipe dedicada à elaboração do roteiro de longa-metragem “Do nosso lado, só o sol”, cujo argumento foi selecionado via concurso, em 2020, destinado a acadêmicos do curso de Cinema e Audiovisual da UEG.

Quando da elaboração da proposta de criação de uma sala de roteiristas na UEG, foi destinado um espaço físico na Unidade Universitária de Goiânia-Laranjeiras, capaz de abrigar as reuniões. Buscamos levar em conta as características dos espaços físicos almejadas pela maioria dos grupos criativos, qual seja, “um ambiente físico acolhedor, bonito, digno, funcional” (DE MASI, 2005 apud SALLES, 2016, p.139). Entretanto, a pandemia de Covid-19 impôs a reconfiguração da sala de roteiristas em um espaço virtual. Funcionando desde o princípio por meio de videoconferências, não temos parâmetro de comparação para avaliar se seria mais ou menos produtiva a experiência presencial.





Como coordenadora da Sala de Roteiristas, toda semana apresento demandas para o desenvolvimento do roteiro, que levam os participantes a contribuírem com o processo de criação colaborativo, tais como reescrita do argumento, composição dos personagens, pesquisas sobre os temas abordados no enredo, pesquisa de elementos visuais referentes ao universo da história, desenvolvimento do arco dramático do enredo, elaboração da escaleta, escritas de cena, estudos de obras audiovisuais e textos correlatos ao projeto do filme. Há encontros semanais, via Google Meet, nos quais são compartilhados os resultados e descobertas, bem como a discussão sobre tópicos pertinentes às fases de desenvolvimento do roteiro. Todos os encontros semanais da Sala de Roteiristas são gravados e o material que tem subsidiado o processo de criação tem sido compilado com o propósito de reunir, organizar e compartilhar as estratégias adotadas, nesta que é uma iniciativa inédita na graduação.

Resultados e Discussão

Entre fevereiro e maio de 2021, a Sala de Roteiristas esteve dedicada à reescrita do argumento, que é um texto que narra a história do início ao fim. Definições sobre as regras do universo ficcional do filme, o delineamento mais claro do enredo e as motivações dos principais personagens estiveram no centro das fabulações. A princípio, a sala contava com 10 roteiristas, o que gerava uma polifonia difícil de ser administrada em certos momentos, visto que cada roteirista trazia uma ideia ou concepção que apontava para direções diferentes e nem sempre compatíveis. Com o tempo, alguns acontecimentos do enredo, bem como marcadores estéticos, foram se mostrando convergentes até a definição de um enredo que melhor expressava as contribuições coletivas.

A partir de junho, a sala passou a contar com apenas cinco roteiristas, visto que alguns saíram em razão do trancamento do curso e outros por falta de identificação com o enredo do filme. O roteirista Warren Leight (apud KALLAS, 2016), avalia que a quantidade ideal de roteiristas na sala é de cinco pessoas, pois isso permite que todos consigam falar e ser ouvidos. De fato, com menos pessoas na sala, os processos se





Tornaram mais produtivos. Nesse período, a sala esteve dedicada à composição dos personagens, definição do arco dramático e elaboração da escaleta do filme, que é a descrição resumida de todas as cenas. Em agosto, a sala se voltou para a escrita de cenas do primeiro ato do filme.

O roteiro é escrito segundo o formato *master scenes*, que é o padrão da maioria dos projetos de filmes e séries de ficção. As quatro roteiristas e o roteirista² que compõem a sala apresentam um bom domínio da escrita fílmica, o que facilita a designação de tarefas. Entretanto, o desenvolvimento das atividades em setembro e outubro foi marcado por uma revisão do enredo, com possíveis mudanças estruturais, uma vez que revimos a caracterização e função dramática dos personagens, bem como a sustentação ou exclusão de algumas cenas. Essa situação confirma a máxima: escrever é reescrever.

Importante também é pensar de modo alargado sobre a elaboração do roteiro, visto que seu desenvolvimento extrapola a escrita em si, conforme atesta Campos (2021, p.48) ao chamar a atenção para o fato de que o trabalho do roteirista “parte da gênese que surge das reuniões criativas” e segue se estruturando nas diversas etapas de desenvolvimento das histórias, isto é, a elaboração de um roteiro precede o ato da escrita e se prolonga nas subseqüentes revisões e versões.

Essa concepção de escrita fílmica como uma elaboração para além do texto coaduna com a noção de *screen ideia*. Proposto por Macdonald (2013), o conceito de *screen ideia* leva em consideração todas as fabulações sobre a obra audiovisual antes que ela exista na tela. O compartilhamento das ideias de modo informal ou dirigido a equipes decisórias, a elaboração de esboços, a incorporação de contribuições e o aprimoramento do roteiro em seus diversos tratamentos ou versões atuam no desenvolvimento da “ideia de tela”. Assim sendo, a *screen ideia* é a evidência da criação do roteiro nas variadas instâncias que antecedem e circundam o texto, algo que ajuda a entender o inacabamento e a instabilidade do roteiro, conforme salientam Price (2013) e Maras (2009).

² Ana Domitila Rosa, Louise Quenehen, Matheus Aragão, Nilma Ayumi e Pollyanna Marques Vaz.





O roteiro desenvolvido na Sala de Roteiristas do Trama contará com cerca de 70 páginas, correspondente a uma projeção de 70 minutos de duração, e tem a sua entrega prevista para março de 2022, quando se encerra o ano letivo de 2021.

Considerações Finais

Historicamente, a escrita de roteiros em salas tem funcionado como uma metodologia para a produção de séries de televisão, dada a complexidade de suas narrativas e o volume de roteiros necessários na elaboração dos vários episódios e temporadas. No cinema, não é comum a composição de salas de roteiristas para a elaboração de roteiros de filmes. Essa, portanto, é uma das particularidades da sala de roteiristas do Trama. Outra especificidade diz respeito à hierarquia e distribuição dos papéis dentro da sala, pois enquanto essa é uma regra vigente nas salas comerciais, na experiência da UEG, as relações são mais isonômicas e horizontais.

Na condição de docente, coordeno a sala assumindo uma posição de facilitadora e mediadora dos processos de criação, de modo a garantir o total envolvimento dos integrantes. A ausência de um *showrunner* tem implicações no processo. Se por um lado, há um visível engajamento dos participantes com a autoria do roteiro; por outro, há bloqueios no fluxo criativo por falta de uma “palavra final” para dirimir certos impasses. Frente às muitas escolhas que precisam ser feitas e a partir das argumentações individuais, tem prevalecido a vontade da maioria.

Ao apostar no processo de criação colaborativo, os modos de escrita de roteiros na contemporaneidade apontam para a superação da ideia de gênio solitário, crença presente num imaginário sobre a criatividade que reverbera desde o romantismo (LEVY, 2019). Contudo, a maior parte das criações humanas não é obra de gênios isolados, enfatiza o sociólogo Domenico De Masi (apud SALLES, 2016, p.10), mas de grupos e comunidades, pois o verdadeiro sujeito histórico da criação não é o homem, mas a sociedade.

Essa tendência se confirma no âmbito dos processos de criação audiovisuais e na escrita fílmica em particular. Conforme observa Campos (2021, p. 237): “Engana-





se quem crê que a escrita do roteiro é o momento em que o roteirista está à sós com seu computador diante de uma folha em branco”. Há várias etapas que antecedem esse momento, sendo muitas delas experimentadas de forma colaborativa em uma sala de roteiristas.

Além de sintonizar a universidade às tendências do mundo do trabalho no segmento audiovisual, a Sala de Roteiristas, enquanto experiência pedagógica tem sido um campo fértil para aprendizagens técnicas e comunicativas, tais como capacidade de expor ideias, apurar a escuta e saber negociar. Escrever colaborativamente tem se mostrado um valioso exercício para educar o ego, visto que nos expõe a um processo de tentativa e erro que retroalimenta a inteligência coletiva do grupo e fortalece os laços entre os agentes envolvidos em prol do objetivo comum.

Na sala de roteiristas da universidade, assim como na sala de aula, o docente é convocado a assumir a liderança na organização do grupo de trabalho, na designação de tarefas e na solução de impasses criativos. Avalio que o nível de participação do docente no projeto e o estágio de aprendizado dos alunos definem o fluxo dos trabalhos. Pondero que uma liderança ideal é aquela que promove o estímulo à criatividade, a valorização da iniciativa, o compartilhamento de informações e a abertura ao diálogo. E essa liderança, assumida por um docente, parece ser fundamental tanto em uma sala de roteiristas em espaço escolar, quanto no cotidiano da sala de aula. Nesse sentido, as salas podem se beneficiar mutuamente para tornar os ambientes de aprendizagem mais criativos e colaborativos.

Referências

CAMPOS, Bartira Bejarano. **Sala de Roteiro – Processo de Criação dos Roteiristas das séries de TV brasileiras. São Paulo: Alexa Cultural, 2021.**

JOHNSON, Steven. **De onde vêm as boas ideias.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JOHN-STEINER, Vera. **Creative collaboration.** New York: Oxford University Press, 2000.





KALLAS, Christina. **Na sala de roteiristas**: conversando com os autores de Friends, Família Soprano, Mad Men, Game of Thrones e outras séries que mudaram a TV. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LEVY, Joanise. **Fabular e interpretar imagens**: o clichê no processo de escrita fílmica. 2019. 241p. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015 (cotutela). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019.

MACDONALD, Ian. W. **Screenwriting Poetics and the Screen Idea**. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

MARAS, Steven. **Screenwriting**: history, theory and practice. London: Wallflower Press, 2009.

PRICE, Steven. **A history of the screenplay**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

SALLES, Cecília Almeida. **A complexidade dos processos de criação em equipe**: Uma reflexão sobre a produção audiovisual. Relatório (Pós-doutorado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

STAIGER, Janet. The Hollywood mode of production to 1930. In: _____; BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **The classical Hollywood cinema**: film style and mode of production to 1960. New York: Columbia University Press, 1985.

